

Entrevista com o poeta Paes Loureiro: um clamor à reflexão

Maria da Luz Lima Sales

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA)

maria.luz@ifpa.edu.br

João de Jesus Paes Loureiro nem precisaria ser apresentado por ser muito aclamado no Brasil e, principalmente, no Pará, sua terra natal. Seu livro de poemas *Altar em Chamas* ganhou o Prêmio Nacional de Poesia pela Associação Paulista de Críticos de Arte, de 1984. Escreveu várias peças de teatro premiadas, como *Ilha da Ira*, esta ganhou o Prêmio do Serviço Nacional de Teatro, do Ministério da Educação do Rio de Janeiro, em 1976. Entre sua obra, há poemas, ensaios e romances.

Tendo lecionado no Instituto Federal do Pará (IFPA), quando ainda era a Escola Técnica e depois na Universidade Federal do Pará (UFPA), Paes Loureiro doutorou-se pela Sorbonne em Paris, com a tese “Cultura amazônica: uma poética do imaginário”, especializando-se em nossa cultura com uma obra que trata do mundo amazônico, suas riquezas e mistérios. O artista foi homenageado até na escola de samba de Belém “Quem são eles”, em 2010 e, a poesia e toda a sua obra, tão atual, constitui também uma denúncia e um clamor à reflexão.

Maria da Luz Lima Sales: *Poeta, o que a poesia precisa transmitir hoje?*

Paes Loureiro: O que a poesia precisa transmitir hoje continua sendo algo que ela sempre transmitiu, que é uma visão do mundo, um sentimento do mundo, através de uma visão de um poeta, pela sua formação, pelo seu trajeto antropológico, pela sua consciência social, pela sua dedicação literária com a linguagem e a formação de um estilo. Além disso, ficar atento à realidade do mundo, a realidade do seu tempo, a realidade do seu lugar sem, no entanto, sem esquecer-se de estar a par do que acontece no campo da literatura, na evolução das artes, a fim de que, alimentando-se de todos esses fatores e todas essas vivências, o poeta possa individuar, como se diz na psicanálise: tornar todas as experiências como uma coisa sua e, interiormente, reelaborar tudo isso para ter, através dessa acumulação de experiências, a sua voz pessoal, a sua expressão, levando em conta aquilo que está trabalhando com a linguagem, a linguagem com forma de imagens, mas a linguagem, sobretudo, sustentada pela palavra. Que esse, na verdade, é o campo de semeadura que o poeta tem que ter para criar os seus poemas.

Maria da Luz Lima Sales: *O poeta poderia falar um pouco de sua infância? Foi de lá que encontrou inspiração para poemas seus, a exemplo do “Canto Angustiado aos Plantadores de Cana”?*

Paes Loureiro: Olha, essa experiência vem, digamos assim, exemplificar aquilo que eu coloquei um pouquinho na primeira questão, quer dizer, a poesia como sendo uma correalidade estética, artística, mas que nasce de algo real, observado, vivido, emocionalmente, e recriado na linguagem pelo poeta. Eu, antes de falar dessa motivação para o poema citado, digo que quando eu fui alfabetizado, em Abaetetuba, onde nasci, a alfabetização era sempre exercida por professoras leigas. Então, a professora que me desemburrou – lá dizíamos “desemburrar” – foi a Cisica, uma pessoa modesta, que morava não no centro da cidade, numa casa pequena, mas com quintal, criações e tudo. Não éramos muitos alunos. A mesa era guardada na sala, mas quando chegávamos lá, tínhamos que carregá-la para o quintal (quando não chovia), onde tinha um tabuleiro sobre um cavalete e ficávamos embaixo de uma mangueira, entre as árvores. A mangueira tinha uma sombra maior e a gente esperava até chegar a hora de mostrar a relação do objeto com a palavra e com a realidade. Porque a palavra, nós sabemos, é um som com significação, isso que é a palavra. Uma vez caiu uma folha em cima da mesa, na minha frente. Então a professora Cisica foi até mim, pegou a folha, colocou-a no papel e pediu que eu a contornasse com o lápis, desenhasse a folha no papel, e depois tirou a folha e a completou. E dizia: “Olha, isso aqui é a folha real, e isso aqui é a folha desenhada, pintada. Agora vou te ensinar a folha escrita, a escrever a palavra folha. E toda a vez que você encontrar a palavra folha escrita, é folha, e quer dizer a folha de qualquer árvore”. Nunca esqueci. E digo que ali ela acabou plantando em mim a palavra como uma forma de eu ver o mundo. Com a genialidade, em sua simplicidade, mas com a criatividade de professora, ela não isolou a escrita da representação da realidade. Isso é uma homenagem que sempre procuro fazer para ela, porque foi o ponto de partida, a semente.

Nas férias nós íamos sempre ao rio Tucunduba, que fica na região das ilhas de Abaetetuba. Lá eu tinha um tio, casado com a irmã da minha mãe. Defronte a esse rio, havia um engenho grande de cana, um armazém, onde as pessoas iam se abastecer. Sempre íamos passar as férias lá. Jogávamos bola ali onde havia uma pequena ponte donde pulávamos. Uma vez voltei à ilha nas férias e encontrei um dos colegas da minha idade. Ele estava sem a metade do braço. Perguntei o que tinha acontecido. Querendo ajudar o pai na moenda, ele empurrou a cana para lá e o braço esquerdo foi junto, moído literalmente. Ele foi levado para a cidade e conseguiu evitar uma infecção, mas ficou daquele jeito, sem paz. Aquilo ficou na minha cabeça: como é que uma criança já estava trabalhando? Ajudando o pai em um trabalho arriscado! Percebi que era hábito ajudar a família. Quando pude compreender as coisas através de livros, de estudo e disciplina, comecei a gestar esse poema, contando essa história. A essa altura fui estruturando o poema, o tema, e imprimindo visão crítica, ou seja, com a dimensão social. Sabemos que, na literatura, o tema é uma motivação. Quando ele é elaborado e os versos são construídos, aquilo que era tema se torna conteúdo. O conteúdo do poema é o

assunto extrapoético, transformado em conteúdo no trabalho com as palavras. É o fazer do poema o tema exterior em conteúdo interno, expressando-se através das palavras do verso. Sempre gostei de fazer poesia. Desde a escola pública de Abaetetuba. Meu primeiro poema publicado foi um dessa fase, com um concurso, numa revista.

Maria da Luz Lima Sales: *O título do livro Tarefa, com o poema “Pranto pelas crianças que morrem no Brasil”, é sugestivo, como se você tivesse um ofício na vida. Você se vê com um dom de levar o sentimento poético a um mundo tão desesperançoso?*

Paes Loureiro: Eu me vejo com esse compromisso, porque a poesia, como todas as artes, não é uma coisa decorativa. Tem como primeira dimensão a sensibilidade e a expressão poética através da palavra, de forma inovadora; com o uso de imagens, metáforas, alegorias, que são abstratas, mas a partir da realidade. Então, acho que a poesia tem, além do compromisso artístico, outro com a sociedade, com o pensamento, a reflexão, com a utopia de um mundo melhor. Às vezes, o poeta não procura juntar tudo isso. Há poetas que se preocupam apenas com a parte formal, a estrutura verbal da formulação de pensamento. Enfim, há poemas, como os surrealistas, cujas imagens são de difícil, às vezes, compreensão. Existe também a poesia que trata de temas que são de abstração filosófica. Tudo é válido, mas depende do temperamento, da ética e da opção de cada pessoa. Todos têm direito de escolher sua maneira de expressar. Escolhi essa. Quer dizer, não consigo compreender que você possa sempre ver aquela poetização dos temas, digamos, de cunho teórico. Para mim, a poesia compartilha o mundo. Compartilhando dele, tem que expressar esse mundo do qual ela compartilha. Por isso sempre aprofundei minha perspectiva no sentido de fazer do poema um microuniverso, em que nele pudesse expressar não apenas sentimentos, mas o pensamento, as utopias, a necessidade de uma vida mais justa, da criança ter uma formação livre, feliz e digna. Na minha poesia ela tem. E devo acrescentar o seguinte: sempre procurei fazer, por mais complexa que seja a expressão contida no pensamento ou sentimento do poema, com que a expressão pelos versos tivesse a capacidade de ter a clareza, a simplicidade que as pessoas pudessem entender. Nunca tive, talvez apenas no *Pentacampos*, o gosto de fazer poesias apenas para iniciados, para academias ou um grupo que se distingue culturalmente. Sempre quis fazer uma poesia que tivesse a intensidade que uma pessoa erudita compreendesse, ao mesmo tempo a clareza, afetividade comunicacional que o leitor, que fosse iniciante na poesia, estudante ou pessoa do povo pudesse entender.

Maria da Luz Lima Sales: *Na “Epístola do Cárcere” (LOUREIRO, 2002 p. 229), que evocou Antônio Gonzaga, nas Liras, de 1792, o poeta fala que está entre quatro paredes. Em que ano você foi preso? Sofreu tortura? Por que a prisão? Que tem a dizer às novas gerações sobre esse episódio funesto de nossa história?*

Paes Loureiro: Eu estava no último ano de Direito quando eclodiu a ditadura militar de 1964. Em Belém ocorria, nesse período, os LARDES¹, promovidos pela União Nacional de Estudantes (UNE), sendo internacionais, com apoio da Universidade Federal do Pará (UFPA). A sede era na União Acadêmica Paraense (UAP) e em algumas faculdades havia debates, conferências. Não havia representantes dos países de toda a América Latina, como o Chile e Cuba, não eram muitos de cada país, mas havia uma boa representação. Para esse acontecimento, a UAP, com apoio da UNE, promoveu a edição do livro *Tarefa*, que já estava pronto. Ele refletia questões político-sociais, mas também ligadas aos sentimentos. Havia a prevalência de uma espécie de revelação das contradições no plano político-social-humano que estava acontecendo nesse tempo. Inclusive, há um poema contra o governador de Alabama, nos Estados Unidos, que permitiu um massacre de negros em seu estado.

Havia o poema mencionado, “Pranto pelas crianças...”, triste estatística naquela época; poema sobre a questão da mulher proletária, dos operários, assim como de amor, Natal..., há um longo poema de amor dedicado à Violeta – namorávamos há pouco tempo nesse período – que encerra o livro (que está na sede UAP, para ser lançado dois dias depois, durante o Congresso Internacional). A vantagem era que depois, toda a vez que a UNE fizesse uma reunião em algum estado, inclusive na sede Rio de Janeiro, esse livro era relançado. Seria lançado no Brasil inteiro pelas universidades, só que, dois dias antes do lançamento, houve a invasão da UAP pela Polícia Militar, quando a ditadura iniciou em Belém, com quebra-quebra, pessoas apanhando, fugindo. Eles pegaram tudo o que tinha lá dentro, atas, como quem vai vasculhar um crime. Nesse rojão, foram todas as edições do *Tarefa*. Dizem que queimaram ou jogaram no mar. Foi em consequência desse livro que fui preso. Como eu participava de encontros da UNE, e ela tinha criado uma coordenação nacional para esse projeto cultural por estados e municípios (participavam comigo grandes poetas do país: Ferreira Gullar, Tereza Aragão, mulher dele, o Cosme Alves Netto, de Manaus, Elisa Veiga, da Paraíba e eu). Seríamos cinco a coordenar nacionalmente esse projeto. Os militares julgavam que sabíamos onde o outro estava, mas todos estavam foragidos. Acharam que era um grupo que planejava alguma coisa. O Ferreira Gullar foi pra Argentina, a Elisa Veiga tinha saído do país, mas eu estava aqui e fui preso várias vezes. Uma vez com a Polícia Militar, na Quinta Companhia, onde hoje é as Onze Janelas, junto com vários estudantes. Depois fomos mandados por parte da Central, a prisão comum daqui de Belém onde estavam os ladrões, essa, pesada mesmo, perto do colégio Santo Antônio, onde era a Delegacia da Central de Polícia. Tinha lá dentro uma prisão. E quando passava por aqui uma autoridade, um presidente, eles prendiam alguns por dois, três dias e depois soltavam. Até que uma vez fui autorizado a ficar preso em domicílio, só podendo sair para a faculdade. Estava morando na casa de uma família amiga, vieram dois oficiais da Marinha dizendo que tinham recebido ordem do Rio para eu ser levado para lá. Desconfiei que não me soltariam logo, então.

¹Seminários Latino-americanos pela Reforma Universitária.

Quando fui, avisei ao pessoal onde estava morando. Então fui e fiquei alguns dias lá e veio um oficial carioca, creio que para me inquerir, naquele prédio. Veio várias vezes me inquerir. Não tínhamos sossego, porque acordávamos de noite para ser inqueridos; eles querendo que você confessasse coisas que ignorávamos. Ficávamos nessa pressão: tiravam o revólver, colocavam na mesa para nos ameaçar, às vezes, nos bofeteavam. Até que uma vez eles me levaram preso para o Rio de Janeiro. Fiquei lá na prisão, no porão, no Ministério da Marinha, na praça Mauá, onde tem agora o Museu do Futuro, o Museu de Arte Moderna. O quartel da Marinha continua lá. Fiquei lá um tempo. Escapei de uma situação pesada por engano. Para ver que em todo lugar há pessoas que pensam diferente, mas não têm como impor a vontade porque a maioria pensa daquele jeito. Ninguém entendia porque um estudante, com aquela idade de vinte e poucos anos, estava numa prisão do pessoal da Marinha e, em um dia, uma vez que a Marinha trabalhava junto com o DOPS², lugar barra pesada no Rio, que todo mundo tinha pavor. De repente, no meio da tarde, a gente sempre ouvindo aquela sirene do carro de polícia, o oficial do dia tinha ido tomar café e ficou um cabo no lugar dele. Abriu as portas da prisão onde eu estava sozinho, com um comunicado: “Vieram lhe buscar”. Me levou lá fora onde estava o camburão e disse: “O que vieram buscar é um civil e o único civil que tem aqui é você”. Eu já estava dentro do camburão, quando chega o oficial, um homem jovem, para saber por que estavam levando o preso. Responderam: “Não estamos levando porque vimos buscar um civil. Pode ver os documentos”. Eles não tinham documentos, porque os guardas foram chamados por telefone, uma vez que no quinto andar funcionava o serviço secreto da Marinha. O oficial falou: “Não. Aqui sou responsável por essa área pública”. E mandou que eu saísse de lá, voltasse para a prisão e que eles se comunicassem com o pessoal de cima. Aí eles ligaram para lá e lhes disseram que não, que era um sindicalista que estava em cima – era quem tinha de ser levado por eles, não eu. Como tudo se alinhou, esse oficial falou-me: “Sr. Loureiro, por sorte voltei agora. Pelo seguinte: você ia ser levado por engano em lugar de uma pessoa que eles consideram perigosa. O DOPS leva para a Ilha das Cobras e, de um modo geral, ele mata”. Até hoje tenho pena de não ter ficado com o nome desse oficial para um dia poder lhe agradecer. O que também me leva a pensar que dentro de uma instituição tão rígida quanto aquela você fica... mesmo não concordando com certas coisas, mas não pode fazer nada, porque estão ali isolados e são poucos que têm condições de se articular.

Uma vez, um cabo, homem simples, chegou à grade, bateu e perguntou-me: “Você que é o estudante que está preso aí?”. Respondi: “É, sou sim”. Ele: “Mas que coisa! Como que se prende um estudante! De onde você é?”. E eu: “Sou de Belém do Pará” (ninguém conhece Abaetetuba). E ele disse: “Você é meu vizinho, porque eu sou de São Luís, no Maranhão”. Num daqueles dias, quando ele estava de plantão me levava e aos marinheiros que estavam presos, bolacha e suco de laranja. Em lugar do suco, ele me levava conhaque e dizia “Olha, para você cortar um pouco o frio”, porque eu estava com a camisa que tinha viajado, manga curta,

² Departamento de Ordem Política e Social.

sapato mocassim sem meia. Eu dormia num colchão, no chão, em época de frio. Essa solidariedade, aparentemente ingênua, é muito humana. Um dia, ele chegou comigo e disse: “Tome esta revista (palavras cruzadas) e este lápis para se distrair, mas não deixe ninguém ver, porque vão querer saber quem foi que *te deu*”. E comecei a fazer o poema “Epístola do Cárcere” na margem da revistinha, e a ponta do lápis ia acabando, o papel também, e a minha agonia, nunca pensei nisso, porque não imaginamos como fazer para continuar quando acabar a ponta do lápis. A comida que levavam para a gente vinha sem talher, comíamos com a mão, diziam que era para a pessoa não ficar desesperada e não querer se... essas coisas.

Maria da Luz Lima Sales: *Você já foi socialista, ou se considera tal? O que seria, hoje, o socialismo? Esse termo seria obsoleto nos dias atuais?*

Paes Loureiro: Não. Sempre fui socialista e nunca fiquei ao lado de radicalizações, mesmo para o lado social. Sempre encarei o socialismo como uma forma de utopia social, de um lugar de igualdade para se viver, ou que se pudesse permitir a igualdade para as pessoas, oportunidades. Também nunca me filiei a nenhuma corrente partidária. As pessoas brigavam comigo, mas eu não concordava com certas coisas e preferia ficar de forma mais aberta. Até hoje é a minha visão social, que está expressa nos meus textos, na minha poesia, na minha opção para compreender a realidade e lutar para que ela possa se tornar algo em que a justiça social seja verdadeiramente existente.

Maria da Luz Lima Sales: *Em um país com crianças e adultos que pouco leem, e menos ainda poesia, fala-se da era da humanidade como terminando, dando lugar ao brutalismo, segundo o filósofo Achille Mbembe. É isso?*

Paes Loureiro: Olha, essa é uma das grandes questões deste tempo que, no caso da mulher, está havendo uma verdadeira revolução. A partir delas, o que é uma coisa muito importante, porque não é um crescimento de valor de importância social, de referência social, de luta social, de participação política, que tenha sido doado ou oferecido às mulheres é uma conquista delas. Elas vêm conquistando o seu justo lugar no diálogo e na vida, na compreensão do mundo e na interferência sobre ele. Então, você começa a ver que vai a uma sala de aula e em determinados cursos você vê um número maior de mulheres. Onde eu fiz a faculdade de Direito e de Letras, pelo contrário. Hoje você vê na televisão em várias profissões e começa a perceber o número de mulheres que mais expressivamente tem aparecido nas entrevistas e, de um modo geral, claro que a gente sabe que na realidade humana não há uma totalidade. Mas, de um modo geral, quando você vê a presença da mulher, seja no Judiciário, na Polícia Federal, em profissões que eram masculinizadas, como a aviação, na medicina, parece que você passa a ter uma confiança maior. Porque a mulher conquistou um espaço, na integridade, em seu trabalho. Essa competência resulta da luta para poder se impor contra as barreiras existentes, enfrentando-as. E dando a sua forma de compreender as

coisas também, tanto que quando você lê um romance hoje das africanas, por exemplo, de Angola, do médio Oriente, o romance das mulheres, a poesia das mulheres – é uma outra visão que se completa, se complementa com a visão tradicionalmente masculina, que a história vem acumulando. E mesmo em anos ou décadas atrás, quando a mulher fazia um romance, era um pouco na perspectiva, não digo machista, mas masculina. Poderia ser assim, dado por um homem, aquele romance. Quero dizer que agora, você pega uma poesia da Adélia Prado, por exemplo, não pode ter-se dado por um homem. Pega um romance a exemplo dessas africanas, e não tem condições, seria inteiramente falso. É um outro ângulo que se integra com o já existente. Agora, não é uma coisa que já esteja conquistada e evidente. Ainda é um processo, uma luta, uma questão das etnias também, a questão da participação do negro, dos que se consideram negros, é um pouco delicado esse tipo de expressão, porque é a pessoa que se define. Mas, seja como for, você entende bem o que quero dizer, os pobres todos passam a ter também a sua própria forma de expressão. Aqui nós temos poetas que na época pós-modernista eram uma expressão de negritude, sem necessariamente ser de militância, que era o Bruno de Menezes. Tenho a sensação que a poesia negra feita na época dele era a melhor que se fazia no Brasil. Pelo sentido dela, pela maneira, pelo trabalho com a linguagem, das palavras, pelo ritmo que ele usa. Então, você vê agora, por exemplo, a questão da afirmação das várias categorias LGBTQIA+, tem que ver a expressão de várias maneiras de enxergar o mundo nesse grupo, digamos, que foi englobado, para que não se tenha que ficar repetindo coisas, uma atrás da outra, cada uma classificação. E quando ela for uma boa ideia, são formas outras de expressão do mundo, que vêm se somar àquelas que já feitas. O mundo entra numa pluralidade muito grande como expressão. Agora, a sua preocupação com relação à possibilidade de uma dessensibilização gradual das crianças leitoras para a poesia, em parte, o sistema de ensino tem culpa. Porque se você olhar os programas do sistema, de um modo geral, a poesia é mal usada, colocada de uma maneira parcial, parcelada, com a ideia de que é mais difícil, que não é o mais comum para se ver, a ideia de que o mundo é mais ligado à prosa. E é, porque tem os jornais, as revistas, tem tudo. Daí porque a poesia precisa de um trabalho, de uma compreensão para ela. A poesia tem o poder de aperfeiçoar e produzir a construção da sensibilidade e o estímulo ao imaginário. Ela tem esse dom, esse condão. Digo um pouco do sistema de ensino por isso. O sistema de comunicação provém da prosa. Então, como é que queremos que essa sensibilidade para a poesia se fortaleça, se ela não é construída através de um processo cultural? Felizmente, a música popular acabou sendo uma alavanca, também, para a dimensão poética através das letras. Infelizmente, grande parte, de uns tempos para cá, dos letristas, não sabe fazer nem letra, nem poesia. São letras mal feitas, repetitivas. Tanto que certas faixas da música popular se dirigem mais pelo ritmo, mais o ritmo com a letra. A letra é uma coisa secundária, tanto que num *show* ninguém reclama quando está escutando a letra, porque o ritmo e a parte instrumental se sobrepõem. Então é esse um trajeto? Um trajeto que as coisas foram tendo. E agora, a música popular, como exemplo, abriu os braços para a poesia. Sendo que há uma diferença estrutural entre letra de música e poema. O poema é uma obra autônoma que se expressa por si mesmo

através dos versos, da sua linguagem, das palavras. A letra de música é um gênero poético que se complementa pela melodia. Uma letra de música raramente é um poema ou pode ser separada da melodia e se tornar um poema. Agora um poema como letra de música se torna uma qualidade. Foi o grande papel do Vinícius de Moraes, porque o poeta sabia fazer as duas: poesia e letra de música. Claro que há certos compositores e letristas, ao mesmo tempo, ou só letristas que, tendo formação literária, sabendo fazer poesia, muitas vezes suas letras de música sobrevivem fora da melodia como um poema isolado. É o caso de Chico Buarque, Vinícius para citar dois exemplos. Creio que o gosto pela poesia e, ao mesmo tempo a sensibilidade para com o mundo não é um acaso, não é um dom, é uma construção sociopsicológica que se faz através da vida. E a nossa vida atual, no Brasil, é uma produção de hostilidades em tudo, de insensibilidade para com as coisas, com a infância, a educação, a saúde e com a vida. E isso interfere no pensamento das pessoas. Por isso que a gente tem que deixar isso criticamente bem claro, para que as pessoas não se deixem dominar por essa descrença e para encarar a vida como uma coisa pragmática, objetiva e acabou! Essa ideologia do sucesso financeiro, comercial, o sucesso na vida prática é o que acaba prevalecendo.

***Maria da Luz Lima Sales:** Seus textos em prosa e verso têm uma linguagem bastante simbólica que, às vezes, não é muito fácil a um leitor iniciante entender. Gostaria de que nos explicasse o significado da Ilha da Ira, sua peça teatral premiada.*

Paes Loureiro: A *Ilha da Ira* tem um tema que, durante a epidemia, no episódio de Manaus, em todos os hospitais... parece que era uma coisa simbólica por antecipação e de uma realidade que vai sendo de tal maneira iluminada e consumida nos seus valores e, de repente, as pessoas vão ficando sem ar. Enfim, mas a *Ilha da Ira* é uma peça que tem suas complicações realmente. Ela não é e é uma peça popular. Uma peça é uma alegoria. Mas com muito intertexto, muita interrelação com outras tragédias e tudo mais. Então, ela tem dois problemas. Primeiro, é uma peça com uma certa erudição, um certo significado, embora se possa entender o plano da história, do enredo, da dramaturgia. Segundo, é que ela tem muitos personagens, coisa que o teatro atual já não costuma mais usar. O teatro hoje enxugou o número de personagens e exige uma encenação complexa para poder funcionar. Também, hoje as pessoas, às vezes, não têm o texto, os textos longos e tudo memorizado têm muitos cortes nas encenações. Mas eu diria que ela, na época, foi muito bem recebida, com dois prêmios nacionais, e encenada fora daqui. Agora, houve uma encenação que tem a ver com a escola. Nessa época eu lecionava na antiga Escola Técnica Educação Artística. O Cláudio Barradas começou a ensaiar a *Ilha da Ira* com alunos da Escola de Teatro da Universidade³ e os dele da Escola Técnica, e ela seria encenada no palcoszinho da Escola de Teatro. No dia do ensaio para a Polícia Federal, a censura disse que não podia apresentar ao público. Então, o Cláudio falou o seguinte: “E se nós fizermos

³ Hoje a Escola de Teatro da Universidade chama-se Teatro Universitário Cláudio Barradas.

dentro de uma escola, só pros alunos que estudam teatro, é possível?”. “É”, eles autorizaram. Então, o que o Cláudio fez? Conversou lá com a direção da Escola Técnica para ser lá dentro a encenação. Só que essa solução do Cláudio tinha uma malandragem. Todo mundo espalhou a notícia. Foi boca a boca. E fizeram várias apresentações com teatro cheio. A *Ilha da Ira* tem essa dimensão alegórica, como se fosse realmente uma história da Amazônia e sempre com a minha predileção por interpenetrar o imaginário com a realidade. Entendendo o imaginário como uma coisa real, enlace da própria realidade. O imaginário, na Amazônia, é, na minha visão, um dos ângulos mais distintivos da nossa diversidade. Essa presença tão visível do imaginário, na cultura, até hoje, um pouco menos nas cidades, mas é porque elas crescem mais. O imaginário (criei o conceito da Poética do Imaginário) é a dimensão dominante, é o que distingue a cultura amazônica de outras culturas.